

A FRAGILIDADE DOS VÍNCULOS AFETIVOS INTERPESSOAIS EM TEMPOS ATUAIS

Catiane da Conceição Dias¹
Sheila Lima Bispo dos Santos²
Carla Rezende Gomes³

RESUMO: Este artigo busca questionar a forma como as relações interpessoais têm se configurado no cenário atual, que vínculos temos sido capazes de criar. Mostrar que fatores da nossa modernidade têm influenciado na construção das nossas relações e como o homem tem absorvido e alimentado esse processo. O presente artigo é desenvolvido tendo como fundamentação teórica o pensamento de Zygmunt Bauman, Jean-Paul Sartre e Enrique Pichon-Rivière. As relações frágeis são fruto de uma dificuldade do homem moderno de se envolver em relações construtivas, esses receios são alimentados por um mercado de consumo de liberdades forjadas por escolhas nutridas de emoções. As reflexões apresentadas nesse artigo têm o objetivo de levar a sociedade a questionar suas formas de construir relações.

Palavras-chave: Vínculo. Modernidade. Relações. Sociedade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz uma reflexão em torno de como as pessoas têm se relacionado na sociedade atual, que vínculos temos sido capazes de estabelecer com as pessoas à nossa volta. À luz da Psicologia e seus conhecimentos visamos a esclarecer a menor unidade de ligação das relações humanas, o vínculo. Trazendo uma maior compreensão dos fatores que interferem no estabelecimento dessas relações, a proposta em questão não é trazer respostas, mas instigar o leitor a reflexões em torno de um problema que tem se construído em nossa atualidade de forma rápida e velada.

Uma conectividade desenfreada tem tomado conta dos nossos relacionamentos onde substituímos relações de afeto por relações de consumo. Pensamos ter nos livrado de modos de dominações históricas, mas na verdade apenas trocamos o nome do dominador e continuamos dominados.

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Estácio de Sergipe. E-mail: catianediaspsi@hotmail.com.

² Graduanda em Psicologia pela Faculdade Estácio de Sergipe. E-mail: ricardosheila@hotmail.com.

³ Doutora em Psicologia, docente do curso de Psicologia na Faculdade Estácio de Sergipe. E-mail: rezendecarla@hotmail.com

Vivemos em tempos de urgências, onde tudo é para ontem e a forma de satisfação é uma busca do novo, mas o que é esse novo? Que valor é dado a esse novo? Por que tudo precisa ser tão rápido? Por que desistimos com tanta facilidade do que a instantes atrás nos parecia tão valoroso?

Dentro dessa soma de saberes entre a Psicologia e a Sociologia há uma proposta de esclarecer pontos obscuros dessas relações. Buscar uma reflexão de como esse processo fugaz e frágil contribui para a atual formação da nossa sociedade, que ganhos e perdas são absorvidos por nós e pelo social, ou seja, uma sociedade é composta por pessoas e como pessoa, unidade individual, afetamos e somos afetados pelo social. Nesse processo relacional, somos produtores dessas relações e isso nos torna responsável pela totalidade.

O objetivo é clarificar a construção dessas relações, possibilitando uma autoanálise do processo individual de contribuição para a chegada dessa atual solidificação com o qual nos deparamos. Quem somos nesse processo e como contribuimos para essa fragilidade.

A pesquisa tem um caráter teórico de natureza básica. Tendo algumas das obras de Zygmunt Bauman, Enrique Pichon-Rivière e Jean-Paul Charles Sartre como referencial bibliográfico. Fluidez é o termo usado pelo sociólogo Zygmunt Bauman (2001), como uma metáfora para falar dessa sociedade, que tem produzido formas voláteis de se relacionar. Jean-Paul Sartre (2008) retrata o homem na necessidade da transcendência de emoções que seria um estado de desestruturação para sentimento um estado mais calmo e equilibrado do ser. Pichon- Rivière (2007) mostra a construção são do vínculo salientando a importância do estudo do homem em todas as suas estruturas como um ser social. Esses autores apontam questões dentro do nosso contexto atual que têm contribuído para a fragilidade dos vínculos.

1 VÍNCULO UNIDADE MÍNIMA DE LIGAÇÃO

Somos seres em relação desde o nascimento até o transcorrer de uma história de vida, onde nos vemos impostos ao contato com outro a todo tempo estabelecendo vínculos.

Isso nos leva a tomar como material de trabalho e observação permanente a maneira particular pela qual cada indivíduo se relaciona com outro ou outros, criando uma estrutura particular a cada caso e a cada momento, que chamamos vínculo (PICHON-RIVIÈRE, 2007, p.3).

Um encontro de duas pessoas é o início de um vínculo a ser estabelecido e a possibilidade de uma relação externa, quando nos referimos a encontros, falamos do contato entre dois seres que cogitam a possibilidade de interação, assim ocorre um primeiro contato nas relações interpessoais.

“Aquilo que o homem tem de mais primitivo e mais característico é sua necessidade imperiosa de estar em permanente comunicação com as outras pessoas” (PICHON-RIVIÈRE, 2007, p.83). O homem é um ser social, portanto a sua necessidade de comunicação é inata, buscando o contato com o outro. É através dessa interação que ele se constitui e se mostra no mundo.

Segundo Pichon-Rivière (2007), existem três vertentes de investigação do indivíduo que são: a psicossocial que é a forma como a pessoa interage com o meio; a sociodinâmica que investiga a estrutura em que o sujeito está inserido e a institucional que analisa grandes grupos. Embora tenhamos citado três vertentes o homem só possui significado em sua totalidade. O anseio por se comunicar é uma característica humana e só pode ser compreendida, a partir da análise de suas ações em movimento, percebendo sua constituição, porém com análise do todo.

Há uma classificação em relação aos tipos de vínculos. Eles se diferenciam entre vínculos paranoicos, depressivos, hipocondríaco dentre outros e quanto ao estabelecimento de nossas relações, elas são constituídas a partir das variedades desses vínculos. Quando falamos de vínculos normais nos referimos às relações de dependência e independência onde o sujeito adulto considera possuir uma maturidade para que não se alimente uma relação de dependência com o outro (PICHON-RIVIÈRE, 2007).

Relacionamo-nos no intuito de que nossas relações sejam criadas a partir de vínculos saudáveis, ou seja, o menos dependente possível e para isso é preciso analisar que vínculos construímos conosco. Até que ponto agimos com o outro tendo como parâmetro a referência de outras situações vivenciadas.

O vínculo é algo diferente, que inclui a conduta. Podemos definir o vínculo com uma relação particular com o objeto. Essa relação particular tem como consequência uma conduta mais ou menos fixa com esse objeto, formando um pattern, uma pauta de conduta que tende a se repetir automaticamente, tanto na relação interna quanto na relação externa com o objeto (PICHON-RIVIÈRE, 2007, p. 16).

Falar de objetos internos é falar da internalização da relação de objetos externos que vão sendo usados como referência para futuras relações, ou seja, vivenciamos situações que

nos geram experiências que usaremos para nortear a forma como enfrentamos novas situações. Se tentarmos manter um vínculo saudável com nosso mundo interno iremos reproduzir isso nas relações externas.

Nossos pensamentos, nossas ideias, nosso contexto geral é na realidade, uma representação particular e individual de como captamos o mundo de acordo com uma fórmula pessoal, de acordo com nossa história pessoal e de acordo com o modo pelo qual esse meio atua sobre nós e nós sobre ele (PICHON-RIVIÈRE, 2007, p. 42).

Somos seres em constante construção, nos colocamos no mundo em constante interação conosco e com o outro, essa interação é de dupla afetação ao passo que somos fruto do que vivenciamos e reproduzimos essa experiência. Esse fenômeno age no meio e, por sua vez, o meio nos devolve essa afetação e assim vamos construindo relações ao longo da vida.

O problema da representação do outro e das relações com o outro, bem como o problema da comunicação, chegaram a ser os mais representativos na psicologia contemporânea. Nesse sentido, Lagache afirma que a psicologia tornou-se mais sociologia e que a sociologia tornou-se mais psicologia (PICHON-RIVIÈRE, 2007, p. 60).

A Psicologia e a Sociologia se comunicam tentando compreender o fenômeno das relações, sendo impossível não as relacionar, uma complementa a outra ao passo que se interligam. Falar de vínculo é falar de relações sociais, pois as relações sociais são criadas através de vínculos e não teria como falar de relações sociais sem explicar vínculos.

O sujeito mais integrado é aquele cujos papéis têm uma sequência e uma coerência interna. Isso acontece quando o sujeito centralizou seus diversos papéis naquilo que se pode denominar o núcleo existencial, dando uma coerência e um sentido à vida na medida em que os papéis não são tão diferentes (PICHON-RIVIÈRE, 2007, p. 77).

Durante nossa existência, desenvolvemos papéis que são formas pelas quais nos apresentamos nos diferentes contextos das nossas relações interpessoais. O equilíbrio entre esses papéis mostra a maturidade que desenvolvemos consequentemente demonstra se temos estabelecido vínculos saudáveis. O estabelecimento de vínculo é algo que se modifica o tempo todo pela forma como lidamos com ele e como vamos modificando-nos ao longo das experiências. (PICHON-RIVIÈRE, 2007).

Compreender esse processo é ir em busca do autoconhecimento, perceber fragilidades e tentar saná-las. A interação nos permite praticar o poder de comunicação que é emergente no homem, um estabelecimento frágil dos vínculos pode bloquear esse poder e tornar a

comunicação conflituosa e um ciclo vicioso se estabelece até que seja modificada a conduta que alimenta o estabelecimento desse vínculo.

2 A ESTRUTURAÇÃO DE UMA SOCIEDADE LÍQUIDA

Moderno é algo atual que está na moda na época vigente. Modernidade qualifica o que é moderno (FERREIRA, 2008). Bauman (2014) usa o termo líquido para definir a modernidade que está na moda, o líquido é visto como algo volátil, leve que se modifica rápido e se contrapõe ao sólido que é pesado e duradouro difícil de se desfazer.

Os tempos modernos encontram os sólidos pré-modernos em estado avançado de desintegração; e um dos motivos mais fortes por trás da urgência em derretê-los era o desejo de, por uma vez, descobrir ou inventar sólidos de solidez duradoura, solidez em que se pudesse confiar e que tornaria o mundo previsível e, portanto, administrável. (BAUMAN, 2004, p. 10).

Diferente do que se possa imaginar, o derretimento desses sólidos ocorre com a quebra de estruturas que desestabilizam o homem e deixam ele de frente com uma aparente liberdade, porém o homem habituado a padrões, ainda não está acostumado a ser livre e acaba mergulhando em novas prisões”. As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas” (HALL, 2006, p. 25).

O que está na moda hoje em nossa sociedade é a velocidade, a forma como nos movemos e comunicamos, a individualização, ou seja, cada um cuida do seu, e o público que é a vida exposta em redes sociais onde estão as receitas prontas para resolver nossos problemas. “Os poderes que liquefazem passaram do “sistema” para a “sociedade” da “política” para as “políticas da vida” – ou desceram do nível “macro” para o nível “micro” do convívio social” (BAUMAN, 2004, p. 15).

O fascínio com o novo que sempre se reinventa, proporcionando uma sensação de liberdade de não ter mais que seguir roteiros construídos por uma história pré-moderna e a velocidade que nos libertou agora funciona como novas correntes. As armas usadas para dominação atualmente são a fuga de qualquer coisa que crie ordem e responsabilidade. “Qualquer rede densa de laços sociais, e em particular uma que esteja territorialmente enraizada, é obstáculo a ser eliminada” (BAUMAN, 2004, p. 23).

A Sociedade encontra-se em crise existencial, em um viver sem sentido, uma condição que alimenta as novas formas de dominação que gritam por uma liberdade sem sentido. A

ideia é não ser presos a conceitos nem formas, mas com que propósito essa modernidade nos quer livre, ou seja, porque ela nos quer livre, para que possa nos prender novamente.

É um tipo de sociedade que não mais reconhece qualquer alternativa para si mesmo e, portanto, sente-se absolvida do dever de examinar, demonstrar, justificar (e que dirá provar) a validade de suas suposições tácitas e declaradas. (BAUMAN, 2004, p. 33).

Os discursos estão congelados não há críticas às ações, apenas repetição de falas estruturadas que nem sequer são investigadas ou contestadas. É esse novo que a sociedade atual tanto defende. Apenas uma estrutura nova de dominação que se mostra mutante e silenciosa.

Segundo Bauman, 2004, p. 40:

A sociedade que entra no século XXI não é menos “moderna” que a que entrou no século XX; o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente. O que a faz tão moderna como era mais ou menos há um século é o que distingue a modernidade de todas as outras formas históricas do convívio humano: a compulsiva e obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta *modernização*; a opressiva e erradicável, insaciável sede de destruição criativa(ou de criatividade destrutiva, se for o caso: de “limpar o lugar” em nome de um “novo e aperfeiçoado” projeto; de “desmantelar”, “cortar”, “defasar”, ”reunir” ou “reduzir”, tudo isso em nome da maior capacidade de fazer o mesmo no futuro em nome da produtividade ou da competitividade.

Uma característica marcante da sociedade atual é a visão do homem como um ser individual, todas as angústias, os medos e temores que assolaram as pessoas continuam causando temor, porém agora isso é posto como um problema uno, cada um que resolva o seu porque o que vale é a velocidade com que as coisas mudam e é impossível ter comprometimento com o outro com essa velocidade (BAUMAN, 2004).

Espaços públicos onde deveriam ser destinados a encontros, criações de vínculos sociais, esses espaços são apenas reprodução dos espaços virtuais em que as pessoas trocam palavras resumidas e a interação, o contato, o diálogo fica esquecido. Na contramão desse movimento os espaços sociais, redes sociais tornaram-se espaços privados onde tudo é exposto sem medida ou pesar (BAUMAN, 2004).

O mundo moderno encanta e seduz. Há diversidades de oportunidades, possibilidades e elas mudam a todo momento. Então por que gastar energia em manter algo que nos dá trabalho, nos faz sofrer? Vamos viver o hoje como se não houvesse amanhã, vamos nos

embriagar de felicidade, afinal somos livres. Uma liberdade que mantém você preso a nova forma de consumo que é ser livre para nada ser.

O capitalismo leve, amigável com o consumidor, não aboliu as autoridades que ditam leis, nem as tornou dispensáveis. Apenas deu lugar e permitiu que coexistissem autoridades em número tão grande que nenhuma poderia se manter por muito tempo e menos ainda atingir a posição de exclusividade (BAUMAN, 2004, p. 83).

As diversas redes sociais são um exemplo dessas autoridades, elas nos convidam a partilhar nossas intimidades e encontrar soluções para os nossos problemas. Há sempre alguém que já viveu algo ou viu e que possui uma receita pronta para lidar com a vida do outro e as pessoas se encantam com a possibilidade de também serem uma autoridade mesmo que por segundos (BAUMAN, 2004).

A vida apresentada pela tela da televisão é a vida desejada pelas pessoas, somos estimulados a todo tempo ao consumo desenfreado de produtos e modos de vida, a vida real não é mais experiência, ela é reproduzida por um filtro de aplicativo de um aparelho celular de última geração que logo será um aparelho ultrapassado porque amanhã surgirá um novo e ele estará exposto na propaganda na mão de um modelo feliz viajando e tirando fotos.

O valor de consumo é hoje um valor em si mesmo; a ação de escolher é mais importante que a coisa escolhida, e as situações são elogiadas ou censuradas, aproveitadas ou ressentidas, dependendo da gama de escolhas que exibem (BAUMAN, 2004. p. 112).

O poder de escolher tem significado sinônimo de liberdade e se não serve, escolhe novamente os objetos adquiridos, os estilos de vida. Eles não possuem uma razão por serem escolhidas não produzem significado, basta saber que se pode escolher e estará na moda e tudo está bem.

3 A FRAGILIDADE DOS VÍNCULOS AFETIVOS

“Seria imprudente negar, ou mesmo subestimar, a profunda mudança que o advento da “modernidade fluida” produziu na condição humana” (BAUMAN, 2004, p. 15). Vínculos que se constroem na velocidade de uma conexão e se desfazem com um “não conectado”. Assim têm sido regidas as relações atuais, o esforço disponibilizado para elas é de um clique de *mouse* ou um toque em uma tela *Touchscreen*.

Na sociedade atual luta-se pelo direito de ser livre, direito de escolher o que se deve e deseja fazer. Mas fazer escolhas realmente livres requer consciência de qual quer que seja sua decisão, você se responsabilizará por ela e não só de forma individual, mas de forma coletiva. Quando uma escolha é feita, mostra-se para o mundo uma possibilidade de ação que pode ser escolhida por outros também. Segundo Sartre (1970, p. 65), “De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser”.

Vivemos relações de bolso como exemplifica Bauman (2001, p. 37):

Uma relação de bolso bem, diz Jarvie, é doce e de curta duração. Podemos supor que seja doce *porque* tem curta duração, e que sua doçura se abrigue precisamente naquela reconfortante consciência de que você não precisa sair do seu caminho nem se desdobrar para mantê-la intacta por um tempo maior.

Relações de bolso⁴, virtuais, frágeis, ou seja, relações que não se permite estabelecer um vínculo, um amadurecimento da relação. O amor é um convite ao desconhecido, há um toque de mistério, ao mesmo tempo que seduz causa medo. Estar disponível para amar é estar aberto para o novo confiar em um futuro que não se sabe qual é, abrir-se ao encontro com um outro ser desconhecido. “Viver junto pode significar dividir o barco, a ração e o leite da cabine. Pode significar navegar juntos e compartilhar as alegrias e agruras da viagem” (BAUMAN, 2001, p. 47).

Para se dispor a velejar nesse barco é preciso estabelecer um vínculo que seja alimentado diariamente. É criar uma afinidade com o outro que precisa ser reafirmada nas lutas diárias da convivência. O homem moderno vive em busca de emoções que são facilmente desintegradas e substituídas por novas”. A emoção é uma certa maneira de apreender o mundo” (SARTRE, 2008, p. 57). O homem mostra-se no mundo e o percebe através das emoções. O homem atual não está interessado em investigar ou amadurecer essas

⁴ Relação de bolso é uma relação de curta duração que não necessita que você faça esforço para mantê-la.

emoções, mas apenas de coleciona-las. Se na relação que você se encontra não lhe produz satisfação, novas sensações é porque ela não serve mais.

“Assim a origem da emoção é uma degradação espontânea e vivida da consciência diante do mundo” (SARTRE, 2008, p. 79). O homem transforma sua realidade inaceitável em uma explosão de emoções que se faz necessário no processo de existir, porém ele estaciona aí sem permitir uma reflexão da sua vivência que pode transcender essa alegria-emoção em alegria-sentimento que é um estado de equilíbrio e esse estado só pode ser alcançado através de uma postura reflexiva (SARTRE, 2008)

O sexo também é algo social, o desejo sexual é direcionado ao outro, ao encontro, ao compartilhamento. A separação entre sexo e reprodução é uma consequência desse quadro. O sexo perdeu o caráter revolucionário e libertador ele agora é visto fora da relação é apenas o gozo pelo gozo, um produto na estante e ganha aquele que melhor se apresenta. (BAUMAN, 2001). O homem se despersonaliza, foge do estabelecimento de vínculos, para evitar a difícil tarefa de conviver com outro e consigo mesmo. Produz uma existência inautêntica sem sentido desprovida de significado humano.

O ideal de “conectividade” luta para aprender a difícil e irritante dialética desses dois elementos inconciliáveis. Ele promete uma navegação segura (ou pelo menos não fatal) por entre os recifes da solidão e do compromisso, do flagelo de exclusão e dos férreos grilhões dos vínculos demasiadamente estreitos, de um desprendimento irreparável e de uma irrevogável vinculação (BAUMAN, 2001, p. 52).

A velocidade da comunicação que serve para encurtar distâncias e ampliar conhecimento hoje é usada como rota de fuga e desculpa para o ser humano permanecer imerso nas suas inquietações no vazio existencial. Um lugar desprovido de emoções-sentimentos onde sua liberdade continua em risco, porém agora com um novo modelo de submissão.

O homem se depara com uma condição de “Que a consciência é vítima de sua própria armadilha. Precisamente porque vive o novo aspecto do mundo *acreditando nele*, ela é apanhada em sua própria crença, exatamente como no sonho, na histeria” (SARTRE, 2008, p. 79). Ele acredita na emoção apreendida e age em função dela como uma verdade absoluta, quanto mais ele acredita mais ele foge de confrontar essa emoção.

Defendendo sua individualidade ele esquece que precisa do outro para ser no mundo. “Para obter qualquer verdade sobre mim é necessário que eu considere o outro. O outro é indispensável a minha existência tanto quanto, aliás, ao conhecimento que tenho de mim

mesmo” (SARTRE, 1970, p. 15). A relação com o outro ajuda no autoconhecimento, a partir da forma de se relacionar é que nós mostramos no contato com o outro e vai ampliando a consciência sobre pontos que só no ato reacional podem se mostrar. Criar vínculos requer um engajamento em si e no outro.

O medo da dependência de não saber lidar com ela, faz com que o ser humano evite o contato direto com outro preferindo a superficialidade das comunicações. É mais confortável mostrar para o outro o que ele deseja ver para não ter que se submeter a aprovações ou rejeições e quando a situação não for mais interessante pula-se para outra relação e o mesmo processo de evitação é estabelecido.

Relações duradouras requerem estreitamentos de laços que só a criação do vínculo pode proporcionar. Para que se pense em estabelecer essas relações de forma benéfica é preciso que ambos ultrapassem a trincheira do medo de mostrar-se para o outro, de ser aceito, de ser abandonado. Para sociedade atual estabelecer relações é como andar no escuro, ter que fazer renúncias (BAUMAN, 2001).

As milhares de possibilidades que as “relações de bolso” oferecem junto, vêm a ideia assustadora da maternidade e paternidade, ideia de ter alguém dependente de você.

Nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante. Essa razão nega direitos aos vínculos e liames, espaciais ou temporais. Eles não têm necessidades ou uso que possam ser justificados pela líquida racionalidade moderna dos consumidores. Vínculos e liames tornam “impuras” as relações humanas - como o fariam com qualquer ato de consumo que presuma a satisfação instantânea e, de modo semelhante, a instantânea obsolescência do objeto consumido (BAUMAN, 2001, p. 66)

Relacionar-se é criar pontes entre duas extremidades desconhecidas e o homem atual vive o desconhecido de si mesmo, ele encontrou nessa forma “líquida de relacionar-se um lugar seguro longe do contato para evitar ao sofrimento”. Essas formas de se relacionar têm se ampliando para além das salas virtuais. As salas de jantar, o sofá, as praças de alimentação do Shopping, praças públicas, locais de trabalho, viraram grandes salas virtuais (BAUMAN, 2001).

As pessoas se olham, mas não se veem, falam sobre uma postagem da rede social, mas não conversam sobre si. A paisagem é observada em casa por uma foto de alta resolução em HD, mas não é percebida, sentida no momento que os olhos ver a paisagem. E assim tem sido

as relações amorosas, apenas uma extensão desses hábitos reforçados pela sociedade moderna.

Quando se está disposto a criar uma relação no contato profundo com o outro é preciso falar sobre você, sobre quem você é e isso pode sinalizar sentimentos que você não assume ou desconhece. Isso lhe coloca de frente com a responsabilidade de fazer escolhas, vai se deparar com a forma como você organiza seus vínculos internos e isso por alguns instantes parece assustador, então a moda vem para nos ajudar a fugir e acabamos agindo com má-fé enganamos a nós mesmos.

CONCLUSÃO

Relações frágeis é esse tipo de relação que a sociedade atual tem sido capaz de produzir. Relações que se constituem no espaço de uma tela 4x5 de um aparelho celular assim temos trocado o contato real olho no olho por um bate papo de aplicativos de mensagens e justificamos essas ações como modernidade, justificamos nossa fuga do medo do contato real com o outro, do estabelecimento e manutenção de vínculos saudáveis.

Somos homens em construção e carregamos marcas, experiências que muitas vezes podem não ser agradáveis e nos relacionamos com ela de forma protetora, usamos elas para evitar o sofrimento, evitar o amargo de reviver a experiência ruim ou até mesmo de experimentar uma situação nova, porque o novo também assusta. O novo descoberto em nós mesmos nos amedronta, quem nunca se viu pensando a seguinte frase: nunca imaginei que seria capaz disso. Não nos conhecemos e não nos controlamos por completo, mas buscamos nas relações essa ilusão.

Assim construímos relações fáceis de desfazer, descartáveis onde não tenha dado tempo de criar vínculos. Onde eu possa jogar na modernidade a culpa dessa forma de relação por que afinal ela está na moda. Mas na verdade a moda não era para substituir relações, mas acrescentar algo novo. Porém o homem na sua condição imatura de lidar com suas angustias ainda prefere a fuga ao enfrentamento. Criar vínculos é assumir as responsabilidades pelo que se é e a forma como você lidar com isso, pois você não vai poder fugir da relação no primeiro impasse, você vai ter que olhar para essa dificuldade e investigá-la.

Olhar para a própria dor gera desconforto, uma conduta reflexiva da situação vivida o libertaria de falsas ilusões. Mas isso requer engajamento, disposição. E para que se empenhar

em algo tal doloroso quando podemos investir em algo novo? A televisão alimenta essa conduta o tempo todo em suas programações, em seus realitys show.

A modernidade atual vende uma liberdade com novas grades, hoje somos presos aos aplicativos que surgem por segundo, oferecendo uma forma cada vez mais frágil de se relacionar são receitas prontas do que é felicidade. O pacote é vendido fácil afinal ele se depara com um homem que anseia por liberdade, mas não sabe ser livre e assim se perde fácil nesse “Show de Truman: O Show da Vida⁵.”

A forma veloz e frágil de relacionar é uma nova prisão é uma fuga do enfrentamento de si mesmo. O mercado capitalista percebeu essa realidade e alimentou. A fragilidade humana é algo que constitui o homem e dela é impossível fugir, mas é possível conhecê-la e aprender a lidar com ela, somos também seres em potencial ativo, podemos escolher essa é uma liberdade real. Todavia parece mais segura a ignorância de nós mesmos do que o despertar da consciência de que podemos mudar.

É preferível a inercia, a falsa liberdade vendida nos modelos modernos de vida feliz. Mudar vai mexer com o estabelecimento dos vínculos internos e posteriormente os externos, vai mexer com a forma de se relacionar, vai nos colocar de frente com outro com toda a nossa fragilidade e potencial. É uma exposição que para muitos lhes parece penosa tornando as relações de bolso, de outdoor, de novela e seriados de televisão mais seguras.

Estabelecer relações sólidas não é fácil e alimentadas por esses padrões modernos fica cada dia mais difícil. Enquanto o medo do contato consigo e com o outro não for ultrapassado, continuará surgindo rotas de fuga para o não estabelecimento de vínculos sólidos, de uma liberdade real, de uma entrega ao momento vivido onde o outro é percebido como um outro ser humano com medos e anseios.

Tal estudo não tem o intuito de trazer fórmulas prontas de como se relacionar, mas trazer ao leitor uma autoanálise das suas relações. O presente artigo tem um caráter reflexivo de um fenômeno que tem se configurado eminente na sociedade atual, sendo assim, mostram-se necessários mais estudos para a continuidade de novas reflexões.

THE FRAGILITY OF INTERPERSONAL AFFECTIVE BONDS IN MODERN TIMES

⁵ O Show de Truman é um filme de 1998, americano, que mostra a vida de um homem que não sabe que está vivendo numa vida falsa por um programa da televisão, transmitido 24 horas para o mundo.

Abstract: This paper intends to discuss how relationships have been configured in the current scenario, and what interpersonal bonds we have been able to create. Also, it aims to show which factors of our modernity have influenced the construction of our relationships and how man has absorbed and nourished this process. The present paper is developed having as theoretical foundation the thoughts of Zygmunt Bauman, Jean-Paul Sartre and Enrique Pichon-Rivière. Fragile relationships are the fruit of a modern man's difficulty in engaging in constructive relationships. These fears are influenced by a consumer market of freedoms forged by choices nourished by emotions. The reflections presented in this paper are intended to lead society to question its ways of establishing relationships.

Keywords: Bond. Modernity. Relations. Society.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro:Zahar, 2004.

_____. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio da língua portuguesa.** Curitiba: Ed. Positivo,2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós- modernidade.** Rio de Janeiro: DP&a, 2006.

PICHON- RIVIÈRE, Enrique. **Teoria do Vínculo.** São Paulo: Martins Fontes,2007.

SATRE, Jean-Paul. **Esboço para uma teoria das emoções.** Porto Alegre: L&PM, 2008.

_____. **O existencialismo é um humanismo.** Pari: Les Éditions,1970.